



# A Santa Sé

---

SANTA MISSA DE EXÉQUIAS  
DO CARDEAL TOMÁŠ ŠPIDLÍK, S.J.

**HOMILIA DO PAPA BENTO XVI**

*Basílica Vaticana, Altar da Cátedra  
Terça-feira, 20 de Abril de 2010*

(Vídeo)

*Venerados Irmãos*

*Ilustres Senhores e Senhoras*

*Queridos irmãos e irmãs!*

Entre as últimas palavras pronunciadas pelo saudoso cardeal Spidlík, encontram-se estas: "Procurei toda a vida o rosto de Jesus, e agora estou feliz e sereno porque estou prestes a vê-lo". Este pensamento maravilhoso – tão simples, quase infantil na sua expressão, mas tão profundo e verdadeiro – remete imediatamente para a oração de Jesus, que ressoou há pouco no Evangelho: "Pai, quero que aqueles que Me deste, onde Eu estiver, também eles estejam Comigo para que vejam a Minha glória, a glória que Tu me deste; porque Tu Me amas-Te antes da fundação do mundo" (*Jo 17, 24*). É belo e confortador meditar esta correspondência entre o desejo do homem, que aspira por ver o rosto do Senhor, e o desejo do próprio Jesus. Na realidade, a de Cristo é muito mais que uma aspiração: é uma vontade. Jesus diz ao Pai: "*quero* que aqueles que Me deste, onde Eu estiver, também eles estejam Comigo". E é precisamente aqui, nesta vontade, que encontramos a "rocha", o fundamento sólido para crer e esperar. De facto, a vontade de Jesus coincide com a de Deus Pai, e com a obra do Espírito Santo constitui para o homem uma espécie de "abraço" seguro, forte e meigo, que o conduz à vida eterna.

Que dom imenso ouvir esta vontade de Deus pelos seus lábios! Penso que os grandes homens de fé vivem imersos nesta graça, têm o dom de sentir com força especial esta verdade, e assim podem atravessar também as provas duras, como as atravessou padre Tomás Spidlík, sem perder a confiança, e aliás conservando um vivo senso de humor, que certamente é um sinal de

inteligência mas também de liberdade interior. Sob este perfil, era evidente a semelhança entre o nosso saudoso cardeal e o Venerável João Paulo II: ambos tinham tendência para as piadas e para as brincadeiras, mesmo tendo vivido na juventude vicissitudes pessoais difíceis e em certos aspectos semelhantes. A Providência fê-los encontrar e colaborar para o bem da Igreja, sobretudo para que ela aprenda a respirar plenamente "com os seus dois pulmões", como gostava de dizer o Papa eslavo.

Esta liberdade e presença de espírito têm o seu fundamento objectivo na Ressurreição de Cristo. Apraz-me ressaltá-lo porque estamos no tempo litúrgico pascal e porque o sugerem a primeira e a segunda leitura bíblica desta celebração. Na sua primeira pregação, no dia de Pentecostes, São Pedro, cheio do Espírito Santo, anuncia o cumprimento em Jesus Cristo do Salmo 16: É maravilhoso ver como o Espírito Santo revele aos Apóstolos toda a beleza daquelas palavras na plena luz interior da Ressurreição: "Eu via, constantemente, o Senhor diante de mim, / por estar à minha direita, a fim de eu não vacilar. / Por isso é que o meu coração se alegra e a minha língua exulta, / e até a minha carne repousará na esperança" (*Act 2, 25-26*; cf. *Sl 16 / 15, 8-9*). Esta oração encontra um cumprimento superabundante quando Cristo, o Santo de Deus, não é abandonado no inferno. Ele foi o primeiro a conhecer "os caminhos da vida" e ficou repleto de alegria com a presença do Pai (cf. *Act 2, 27*; *Sl 16/15, 11*). A esperança e a alegria de Jesus Ressuscitado são também a esperança e a alegria dos seus amigos, graças à acção do Espírito Santo. O padre Spidlík demonstrava-o habitualmente com o seu modo de viver, e este seu testemunho tornava-se cada vez mais eloquente com o passar dos anos, porque, não obstante a idade avançada e os inevitáveis achaques, o seu espírito permanecia fresco e jovem. O que é isto senão amizade com o Senhor Ressuscitado?

Na segunda leitura, São Pedro bendiz a Deus que "na sua grande misericórdia nos regenerou dos mortos, mediante a ressurreição de Jesus Cristo, para uma esperança viva". E acrescenta: "Então rejubilareis, se bem que vos sejam ainda necessárias diversas provações" (*1 Pd 1, 3.6*). Também aqui sobressai claramente como a esperança e a alegria sejam realidades teológicas que promanam do mistério da Ressurreição de Cristo e do dom do seu Espírito. Poderíamos dizer que o Espírito Santo as tira do coração de Cristo Ressuscitado e as transforma no coração dos seus amigos.

Introduzi propositadamente a imagem do "coração", porque, como muitos de vós sabeis, o padre Spidlík escolheu-a para o lema do seu brasão cardinalício: "*Ex toto corde*", "com todo o coração". Esta expressão encontra-se no *Livro do Deuterónimo*, dentro do primeiro e fundamental mandamento da lei, quando Moisés diz ao povo: "Escuta, ó Israel! O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor! Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças" (*Dt 6, 4-5*). "Com todo o teu coração – *ex toto corde*" refere-se portanto ao modo com que Israel deve amar o seu Deus. Jesus confirma a primazia deste mandamento, ao qual associa o do amor ao próximo, afirmando que ele é "semelhante" ao primeiro e que de ambos dependem toda a lei e os profetas (cf. *Mt 22, 37-39*). Escolhendo este lema, o nosso

venerado Irmão colocava, por assim dizer, a sua vida dentro do mandamento do amor, inscrevia-a toda na primazia de Deus e da caridade.

Há outro aspecto, um ulterior significado da expressão "*ex toto corde*", que certamente o padre Spidlík tinha presente e pretendia manifestar com o seu lema. Sempre partindo da raiz bíblica, o símbolo do coração representa na espiritualidade oriental a sede da oração, do encontro entre o homem e Deus, mas também com os outros homens e com a criação. E aqui é preciso recordar que no brasão do cardeal Spidlík o coração, que sobressai no escudo, contém uma cruz em cujos braços se entrelaçam as palavras PHOS e ZOE, "luz" e "vida", que são nomes de Deus. Portanto, o homem que acolhe plenamente, *ex toto corde*, o amor de Deus, acolhe a luz e a vida, e torna-se por sua vez luz e vida na humanidade e no universo.

Mas quem é este homem? Quem é este "coração" do mundo, a não ser Jesus Cristo? É Ele a Luz e a Vida, porque n'Ele "habita corporalmente toda a plenitude da divindade" (Cl 2, 9). E aqui apraz-me recordar que o nosso defunto Irmão foi um membro da Companhia de Jesus, ou seja, um filho espiritual daquele Santo Inácio que põe no centro da fé e da espiritualidade a contemplação de Deus no mistério de Cristo. Neste símbolo do coração encontram-se Oriente e Ocidente, num sentido não devocionista mas profundamente cristológico, como ressaltaram outros teólogos jesuítas do século passado. E Cristo, figura central da Revelação, é também o princípio formal da arte cristã, um âmbito que teve no padre Spidlík um grande mestre, inspirador de ideias e projectos expressivos, que encontraram uma síntese importante na [Capela \*Redemptoris Mater\*](#) do Palácio Apostólico.

Gostaria de concluir voltando ao tema da Ressurreição, citando um texto muito amado pelo cardeal Spidlík, um trecho dos *Hinos sobre a Ressurreição* de Santo Efrém, o Sírio:

"Do alto Ele desceu como Senhor,  
do ventre saiu como um servo,  
a morte ajoelhou-se diante d'Ele no Sheol, e a Vida  
adorou-o na sua ressurreição.  
Bendita é a sua vitória!" (n. 1, 8).

A Virgem Mãe de Deus acompanhe a alma do nosso venerado Irmão no abraço da Santíssima Trindade, onde "com todo o coração" louvará eternamente o seu Amor infinito. Amém.